



Minhas sete vidas no JK: dentro do projetado e do vivido¹

Mariana GARCIA²

Elton ANTUNES³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Minhas sete vidas no JK - dentro do projetado e do vivido adentra na intimidade de seis apartamentos buscando retratar a forma como seus moradores vivem em um dos grandes marcos arquitetônicos de Belo Horizonte: o Conjunto Governador Juscelino Kubistchek, projetado na década de 1950 por Oscar Niemeyer. Para dar conta da riqueza biográfica dessa “máquina de morar”, foram construídos documentários fotográficos apoiados por pequenos textos, resultando naquilo que chamei de “biografias do morar”.

PALAVRAS-CHAVE

arquitetura; Belo Horizonte, biografia; fotodocumentário.

1. INTRODUÇÃO

“Meu nome é Mariana. Sou aluna do último período do curso de Comunicação Social da UFMG e estou fazendo um projeto no JK. Fulano de tal me passou o seu contato e gostaria de saber se poderíamos conversar e depois fotografar sua casa e você para o meu trabalho”. Era basicamente assim que interpelava minhas potenciais fontes. No princípio, duvidei que muitas pessoas diriam “sim” ao meu pedido, mas, para minha surpresa, escutei apenas um “não”. O Conjunto Governador Juscelino Kubistchek se mostrou feito de pessoas receptivas. Entre meu primeiro contato, feito no final de novembro de 2009, e o último, realizado no início de junho de 2010, o CGJK, ou apenas JK, e meu Trabalho de Conclusão de Curso ganharam um rosto: o livro foto-documental *Minhas sete vidas no JK – dentro do projetado e do vivido*.

Referenciais teóricos distintos foram usados para definir sob que ótica o CGJK seria tratado. O contexto em que foi construído, por quem, com que propósito, seus usos, arquitetura e “fama”, essas são algumas das características que fazem com que o

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, Modalidade Ensaio fotográfico (conjunto de no mínimo 10 (dez) fotografias).

² Aluna líder e recém egressa do Curso Comunicação Social, email: mari.nascimento.garcia@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMG, email: eantunes@ufmg.br



JK seja um depósito infinito de possíveis abordagens. É neste sentido que alguns conceitos foram fundamentais para delinear a “cara” de Minhas sete vidas no JK.

Parto do princípio de que há uma distinção fundamental entre as linguagens fotojornalística e fotodocumental:

Esta distinção reside mais na prática e no produto do que na finalidade. Assim, o fotojornalismo viveria das *feature photos* e das *spot news*, mas também, e talvez algo impropriamente, das foto-ilustrações, e distinguir-se-ia do fotodocumentalismo pelo método: enquanto o fotojornalista raramente sabe exactamente o que vai fotografar, como o poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista trabalha em termos de projecto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou. (SOUSA: 2000, p.6)

Dentro da tradição do fotodocumentário, um livro em específico foi importante para a construção deste trabalho: *Cocaine True, Cocaine Blue*, do fotógrafo estadunidense Eugene Richards. Sua importância reside não na aproximação pelo tema, já que Richards traz um "olhar detalhado e intimista de habitantes de três representantes de comunidades problemáticas: East New York; North Philadelphia; e o Red Hook Housing Project no Brooklyn, Nova Iorque" (livre-tradução). Fotografias, entrevistas com moradores, uma reportagem publicada na revista *Time/Life* e um relato do fotógrafo compõem um todo forte e perturbador da realidade dessas duas comunidades marcadas pela cocaína e outras mazelas derivadas do seu uso. É, portanto, na linguagem fotográfica e na coexistência de texto e imagem que o objetivo de Richards é alcançado.

Essa ideia de coexistência me fez lembrar de *One in 8 million* [Um em 8 milhões], projeto multimídia do *New York Times* cujo objetivo é “combinar fotografias eloquentes com vozes singulares para fornecer ao nosso público uma impressão dos nova-iorquinos menos do que uma definição dos nova-iorquinos”. Assim como Nova Iorque, o JK é uma cidade de personagens e me pareceu bastante adequado para o formato do meu trabalho a forma sutil como a equipe do Times abordou a relação das pessoas com a cidade, seja com as imagens ou com a história que é contada na voz dos próprios personagens.

A compreensão da natureza indiciária da fotografia também foi um conceito chave na elaboração do projeto. Como explica Boris Kossoy:

“A imagem fotográfica é, portanto, indiciária na medida em que propicia a descoberta de ‘pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo

observador. Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro-histórias de diferentes naturezas implícitas no documento. (KOSSOY: 2007, p. 41)

A abordagem de Kossoy também afetou a ideia do retrato fotográfico em *Minhas sete vidas no JK*, pois, nesse caso, “os mencionados indícios são fundamentais para a interpretação na medida em que podem ser reveladores do caráter do retratado (...)”. Somando-se a disso, a fotografia, mais especificamente o retrato, cumpre uma função no trabalho, como Annateresa Fabris traz em seu livro *Identidades Virtuais*, de “estabelecer relações de empatia entre operador e modelo (...). A fotografia não é um jogo da verdade. É a apreensão de um sujeito ‘na sua intensidade fatal’ e, por isto mesmo, em nada diferente de qualquer outro objeto”. Ela ainda continua, se valendo do pensamento de Baudrillard: “Longe de toda a psicologia e de toda a metafísica, o que é fundamental no ato fotográfico é ‘a cumplicidade silenciosa entre o objeto e a objetiva, entre a aparência e a técnica, entre a qualidade física da luz e a qualidade (pata)física da técnica’.

Por fim, O CGJK visto como uma “máquina de morar” foi um ponto de partida para a “apuração” *in loco*. Essa concepção da arquitetura modernista trouxe para o JK uma tentativa de unir forma e função ao espaço, o que implicou em apartamentos específicos para moradores específicos, onde há pressuposições de uso e ocupações da habitação. Um espaço em princípio disciplinado. Mas, como Franciney Carreiro de França escreve em sua tese sobre apartamentos funcionais do Distrito Federal: "o espaço doméstico é entendido como um lugar relacional (geométrica e configuracionalmente delimitado no espaço) impregnado de práticas cotidianas. O espaço doméstico não se constitui por espaços vazios, pois é um espaço vivido, habitado."

Ainda que o JK seja cerca de dez anos mais “jovem” que Brasília, já se via fortemente nos traçados de Oscar Niemeyer a questão da funcionalidade. O arquiteto pensou em uma diversidade grande de apartamentos que abrigassem vidas igualmente diversas. Mas a insubordinação frente a esse planejamento passou a ser uma marca importante na biografia do Conjunto JK.



A casa, a moradia, a residência, a habitação, o apartamento, são sinônimos do objeto que define o campo de maior produção arquitetônica. Os papéis destes estão além de sua função de abrigo, já diziam Augé (1992) e DaMatta (1991), entre outros. Para Freyre (1952), a casa é o campo do qual se irradiam modelos de comportamento, comandos, símbolos e, sobretudo, relações sociais. A moradia como artefato não abriga só os habitantes das intempéries do tempo, mas também constitui uma micro-sociedade estabelecida mediante as relações sociais em seu interior. Mais que moradia, a casa ou apartamento é um complexo imbuído de valores culturais, sociais, econômicos, políticos ou psicológicos. Suas configurações sociais juntam atividades e formam experiências que definem a qualidade de vida de seus habitantes (MONTEIRO, 1997). (FRANÇA: 2008)

Como Thaís Pimentel escreve em seu livro *A Torre Kubitschek*:

“O CJK não é, portanto, aquilo que Niemeyer queria que ele fosse, nem o que Juscelino pretendeu. Também nunca foi o sucesso imobiliário planejado por Joaquim Rolla. Tampouco é o que os moradores de Belo Horizonte pensam que ele seja, e nem mesmo o que seus próprios moradores querem que ele pareça.” (PIMENTEL: 1993)

2. OBJETIVO

Construir um documentário fotográfico apoiado por pequenas narrativas sobre o Conjunto Governador Juscelino Kubitschek.

3. JUSTIFICATIVA

Minhas sete vidas no JK – dentro do projetado e o vivido busca olhar para o Conjunto JK a partir da forma como seis moradores e uma eventual visitante ocupam/ocuparam aquele espaço. A possibilidade narrativa escolhida para contar essas histórias foi através da junção de imagens e textos de cunho jornalístico, biográfico e documental. Essa mistura resultou no que resolvi chamar de “biografias do morar”, pois a minha experiência e principalmente a dos moradores funcionam como fios condutores para dizer sobre o lugar que habitam e que habitei temporariamente.

A pertinência do tema reside primeiro na inegável importância histórica, arquitetônica e cultural que o Conjunto ocupa na cidade de Belo Horizonte e segundo na carência de material sistematizado disponível sobre o assunto. Embora seja inevitável avistar o JK na paisagem da cidade, descobri que pouco se olhou sistematicamente para ele.



Susan Sontag recorre a uma citação de Diane Arbus em seu livro *Sobre a fotografia* que diz muito sobre minhas escolhas: "A fotografia era uma autorização para eu ir aonde quisesse e fazer o que desejasse". Compartilho, com ressalvas, a ideia de salvo conduto que a fotografia é.

A câmera é uma espécie de passaporte que aniquila as fronteiras morais e as inibições sociais, desonerando o fotógrafo de toda responsabilidade com relação às pessoas fotografadas. Toda a questão de fotografar pessoas consiste em que não se está interferindo na vida delas, apenas visitando-as. O fotógrafo é um superturista, uma extensão do antropólogo, que visita os nativos e traz de volta consigo informações sobre o comportamento exótico e os acessórios deles. (SONTAG: 2004, p. 54)

Durante as pesquisas prévias, o JK se mostrou um lugar favorável para tratar pelo tanto pelo viés imagético, quanto pelo textual. Há algum tempo venho buscando intuitivamente conjugar fotografia documental e texto de caráter jornalístico, desta forma, o projeto veio também como uma maneira de experimentar mais consciente e refletidamente essas duas áreas afins, principalmente a fotografia.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A relação que cada morador do JK constrói com seu apartamento, a forma como ele é vivido cotidianamente pelos moradores se mostrou a melhor forma de retratar o conjunto. Passei a buscar então um método de aproximação. Há 13 tipos de apartamentos. A ideia inicial era conversar um morador de cada uma dessas 13 unidades, mas isso se mostrou inviável ao longo do processo de produção de *Minhas sete vidas no JK* por uma série de motivos. Primeiro devido ao tempo reduzido e segundo por causa da dificuldade de encontrar moradores para cada tipo. No entanto, há unidades que variam apenas no valor da metragem, sendo diferenças não muito expressivas e/ou modificadoras da experiência ali naquele espaço. Basicamente, os 13 poderiam ser reduzidos a seis, digamos, mais diferentes entre si: Quitinete, Duplex, 1 quarto linear (é isso que o difere do Duplex), 3 quartos, 2 quartos e 2 quartos com área (é uma diferença importante para algumas práticas domésticas, como um simples varal de secar roupas ou uma despensa).



Já tinha então decidido a forma através da qual chegaria a essas pessoas e a quais características elas deveriam atender, faltava pensar em como iria conduzir meu contato com esses seis moradores. Pensei nos tipos de texto e imagens que gostaria de fazer e estabeleci, a fim de obter uma maior riqueza de detalhes, que seria necessário realizar mais de um contato com cada. Três encontros pareciam suficientes para o tempo do qual eu e as pessoas dispúnhamos. E o que diferenciaria cada uma dessas visitas? Além do teor das conversas, pois cada vez teria mais subsídios para me guiar, a fotografia poderia ser a chave maior de diferenciação. Três encontros, três “olhares” fotográficos para o apartamento/morador, ficando assim planejado:

4.1. Sala

Essa foto diz respeito do caráter desse primeiro encontro: é inicial, aparente. Antes do primeiro contato, conhecia pouco sobre o morador em questão. Quando muito, sabia a profissão, além do número do apartamento e do bloco, claro. Assim como a sala de estar, naquele dia estava vislumbrando pela primeira vez a intimidade do “biografado”. Por isso fazia a foto da sala em um plano mais geral, distante. Era importante que essa foto trouxesse a janela do apartamento, característica mais marcante do prédio, seja visto do lado de fora ou do lado de dentro. A janela é a fronteira entre o privado e o público.

4.2. Vestígio

Já munida de detalhes do morador, após a conversa passava a tirar fotos que denunciassem como o apartamento era experimentado/apropriado. Poderiam ser fotos em planos abertos ou fechados, desde que nelas estivesse contida a ideia de vestígio. Essa categoria foi criada a partir do conceito de índice citado no item 2.3. É inegável que todas as fotos de todas as três categorias são indiciais, no entanto, mais do que a categoria peirciana ou uma abordagem do suporte fotografia, uso o termo aqui para me referir aos próprios elementos fotografados, ou seja, ao conteúdo, que são rastros de um determinado viver.

4.3. Retrato



Meu último encontro com o personagem era, naquele contexto, a aproximação máxima que poderia experimentar. A cumplicidade é um elemento desejável para o momento em que a pessoa é fotografada, optei então por deixar o retrato para essa fase, pois poderia usufruir do vínculo criado a partir das visitas e conversas anteriores. É como se tivesse percorrido toda a casa em busca da pessoa e nesse momento a tivesse encontrado.

Depois de cada visita, redigia uma espécie de diário contendo informações extras, como meu contato com outros membros da família ou os pedidos que eles me faziam (por exemplo: tirar um retrato da filha ou ajudar a encontrar um apartamento para a tia). Optei por três moradores de cada bloco, ou seja, são Geraldo, Mário e Vera no Bloco B e Pedro+Morgana (considerados apenas como um morador), Euler e Mirelle no Bloco A. No entanto, nem todos que fotografei fazem parte do produto final, mas todos foram importantes para que compreendesse o que é morar no JK.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

A forma que escolhi para tornar meu trabalho acessível foi um livro, pois ele daria conta de simular uma experiência similar à minha ao adentrar nos apartamentos. Não havia um número específico de páginas, fotos ou caracteres destinados a cada morador/apartamento. Eram apenas quatro características válidas para todos. Primeiro a de que cada “capítulo” seria aberto pelo número do apartamento em questão, fazendo com que, ao virar a página, o movimento remetesse a abrir a porta. Segundo, a foto da sala deveria vir logo em seguida, para que o leitor também experimentasse o primeiro contato. Terceiro, o título de cada um seria o nome do próprio morador. E por último, terminaria com o retrato. A maneira como o texto seria disposto e a quantidade de imagens para cada seriam pensados individualmente, respeitando o que cada personagem demandou. Foi uma forma encontrada para deixar que cada morador/apartamento contasse sua própria história.

Nos itens a seguir, o detalhamento de mais alguns pontos em torno dos quais o trabalho se organiza:



5.1. Título e capa

O título fornece o primeiro subsídio para a leitura do livro, por isso, era importante que trouxesse de imediato o lugar do qual falo, ou seja, “JK”. Queria também trabalhar com o número sete, que tem um valor místico na cultura popular: são sete pecados capitais, um gato tem sete vidas, a semana tem sete dias, são sete maravilhas do mundo antigo, e sete “biografias do morar”. Já o pronome possessivo “minhas” vem para marcar já no princípio que as páginas a seguir dizem muito da minha experiência no JK.

O complemento “dentro do projetado e do vivido” remete à força transformadora das pessoas sobre o espaço e também a prognóstico que elas fazem (ou não) de suas vidas. Essa última ideia está diretamente ligada à foto escolhida para a capa. A foto da capa foi tirada no 9º andar do Bloco B e a foto do verso no 16º do Bloco A. Os espaços comuns do Condomínio são formados por grandes corredores vazios onde, ao contrário do que as fachadas dos dois blocos sugerem, dificilmente se encontra muitos moradores circulando. Uma tentativa de habitar e amenizar esse vazio foi através do uso de vasos de plantas. Sendo assim, a imagem é uma metáfora dessa relação entre o vivido e o projetado.

5.2. Organização

O resultado final não traz a história formal do CGJK, assim, a pequena introdução vem para situar o leitor e muni-lo de alguns dados que serão úteis na compreensão do todo. É importante ressaltar que o esse texto não deveria “sujar” ou “limitar a compreensão do que se veria nas páginas a seguir. Foi com esse mesmo intuito que o relato sobre o meu JK veio no final, a fim de que não contaminasse outros com as minhas impressões sobre os edifícios. Entre a introdução e “Mariana”, os personagens foram dispostos segundo a hierarquia do maior apartamento, o 3 quartos de Euler, até o menor, a quitinete de Mário. Só nas últimas páginas é que aparecem fotos externas dos prédios, para que dê margem para que àqueles que não conhecem o JK criem suas próprias ideias acerca da “cara” dele.

Ainda sobre a organização do material, algumas fotos foram recortadas para que deixassem de ser retangulares e ganhassem o formato quadrado, tão característico da



fachada do JK, das janelas dos apartamentos. O novo formato também facilitava conjugar mais de duas imagens lado a lado, fazê-las dialogarem. O único “porém” foi que, ao cortar as imagens, houve uma perda de informação, já que elas haviam sido pensadas inicialmente no formato retangular. É por isso que, algumas imagens mais “significativas” vêm em formato original e maior.

6. CONSIDERAÇÕES

Acredito que Minhas sete vidas no JK conseguiu se aproximar de ser o que queria desde o início: ser um trabalho em que fotos apoiadas por textos contam com equilíbrio sobre o cotidiano de um dos mais importantes marcos de Belo Horizonte. O método de aproximação foi sendo aprimorado ao longo das visitas a cada morador/apartamento, pois, de Geraldo a Vera, todos foram me oferecendo elementos para compreender não só o CGJK, como também o meu próprio projeto e inclusive meus limites e potenciais.

Reconheço alguns pontos fracos no resultado final. Há algumas imagens que não apresentam uma qualidade satisfatória, principalmente as da quitinete do Mário. Ainda, a minha escolha pelas imagens quadradas e o uso de mais de uma delas lado a lado pode ter comprometido a força individual. Há também passagens nos textos que não trazem uma linguagem tão fluida e invisível quanto eu gostaria. Mas penso que essas fraquezas são compensadas (ou pelo menos atenuadas) enquanto conjunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, Isadora; PERDIGÃO, João; MOISÉS, Ulisses. **CGJK – Condomínio de luxo ou favela vertical?**. Disponível em < <http://umporextenso.com.br/cgjk/> > Acesso em 09 novembro de 2009.

One in 8 Million. Janeiro de 2009. Disponível em < <http://nytimes.com/onein8> > Acesso em 21 de junho de 2010.

Talk to The Times: One in 8 Million. Agosto de 2009. Disponível em < <http://www.nytimes.com/2009/08/03/business/media/03askthetimes.html> > Acesso em 21 de junho de 2010.

CONJUNTO Governador Kubitschek. Belo Horizonte, sem data. (catálogo publicitário).



FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FRANÇA, Franciney Carreiro de. **A indisciplina que muda a arquitetura: a dinâmica do espaço doméstico no Distrito Federal**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. **A Torre Kubitschek: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

RICHARDS, Eugene. **Cocaine True, Cocaine Blue**. New York: Aperture, 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html> Acesso em 21 de junho de 2010.